

A PRÁTICA DA ASSISTÊNCIA SOCIAL

OBJETIVOS: Mostrar ao estudante o correto ensino bíblico sobre assistência social, para que não seja confundido com o falso ensino do “evangelho social”, difundido no mundo; levá-lo a praticar as verdades aprendidas no texto.

TEXTO BÁSICO: *Quanto à coleta para os santos, fazei vós também como ordenei às igrejas da Galácia.* (I Co 16:1)

INTRODUÇÃO: A questão das ofertas nas igrejas transformou-se num tema bastante polêmico em nossos dias. Em muitas denominações, o dinheiro foi transformado no principal tema de pregação, cumprindo, assim, a profecia segundo a qual, nos últimos tempos, muitos fariam comércio das pessoas (II Pe 2:3).

Entretanto, a questão a ser estudada, neste texto, não se atém a esse tipo de perversão religiosa; tampouco trataremos sobre as ofertas de uma forma geral.

Nosso tema refere-se à oferta que se destina aos pobres, aos carentes, aos necessitados de recursos básicos para a sobrevivência.

Nos quatro primeiros versículos do capítulo 16, Paulo tratou da última questão que desejou corrigir na igreja de Corinto, através de sua primeira carta.

Veremos que o apóstolo fez importantes ajustes quanto à prática da assistência social; para tanto, baseou-se em princípios contidos nas Escrituras Sagradas, que devem servir de base para que as igrejas de Cristo dos nossos dias se firmem e pratiquem a assistência social da maneira que agrada a Deus.

I - ANDANDO PELA IGREJA DE CORINTO

Nos estudos anteriores, conhecemos as dificuldades espirituais, morais e familiares dos cristãos de Corinto; conhecemos, também, como Paulo os orientou para que pudessem restabelecer-se e firmar-se na fé sadia. Contudo, antes de encerrar sua carta, ele revelou que ainda havia outro problema a ser tratado: a resistência da igreja à prática da assistência social aos pobres da igreja de Jerusalém.

Naquele tempo, em cumprimento ao que revelara o Espírito Santo, uma grande fome abateu-se no mundo e abalou profundamente a região da Judéia, cuja capital era Jerusalém (*cf.* At 11:27-30). Somado a isso, não se pode afirmar que, em nome da comunhão, aqueles irmãos tenham sido imprevidentes, ao se desfazerem de seus principais bens, no início da fé (*cf.* At 2:44-45); mas, o fato é que eles consumiram o que tinham. Será que agiram assim por pensarem que Jesus Cristo voltaria naqueles dias? (*cf.* At 1:11) Não sabemos. O que sabemos é que, diante da grande fome, Paulo iniciou o último capítulo de sua primeira carta aos coríntios com estas palavras: *Quanto à coleta para os santos, fazei vós também como ordenei às igrejas da Galácia* (16:1).

A Galácia era uma província romana que se situava na região central da península da Ásia Menor e era cercada, ao norte pela Bitínia e Paflagônia; ao leste, era cercada pelo Ponto; ao sul, pela Capadócia e Licaônia; e ao oeste pela Frígia.

As igrejas cristãs situadas nessa região estavam praticando a assistência social aos pobres da igreja; porém, a igreja de Corinto resistia. Esta é a razão primária de Paulo lhes dizer: ... *fazei vós também como ordenei às igrejas da Galácia.*

1 BOOR, Werner de. *Cartas aos Coríntios, comentário esperança*. Curitiba: Editora Evangélica Esperança, 2004, p. 330

Mas por que aqueles irmãos resistiam a esse procedimento cristão saudável? Uma das razões – provavelmente a mais plausível – era a animosidade existente entre a igreja cristã de Jerusalém, composta por maioria de judeus, e a igreja cristã gentílica, cuja maioria dos membros era composta de pessoas de todas as tribos, línguas e nações. As maiores divergências eram de cunho doutrinário, envolvendo a circuncisão, a alimentação, a graça e a lei divina.

Um outro motivo da recusa pode estar ligado aos graves problemas espirituais e morais que o apóstolo constatou haver entre eles. Em geral, esses problemas geram insensibilidade para com os dilemas dos outros. Sabemos que, quando uma igreja descamba para a carnalidade (I Co 3:1-4), torna-se extremamente egoísta, inadmoestável, dura, sem afeto natural.

O teólogo Werner de Boor¹ pondera que cristãos como os de Corinto, envolvidos em demandas judiciais mútuas pelos seus bens, que se saciavam desordenadamente na Ceia do Senhor, enquanto, ao seu lado, muitos passavam fome; que ardiam em partidarismos uns contra os outros; que se admiravam de si mesmos, por causa de sua espiritualidade e sua sabedoria, naturalmente, tinham pouca vontade de tomar para si as dores, os dilemas e as necessidades dos irmãos da distante Jerusalém. Agraciada com todos os dons espirituais (I Co 1:7), aquela igreja, por não saber lidar com a graça de Deus, não reconhecia que deveria ser especialmente grata à “igreja-mãe”, em Jerusalém. Talvez pensasse que tinha tudo por si mesma, que não dependia de ninguém, a exemplo da igreja de Laodicéia (Ap 3:17).

O equívoco espiritual daquela igreja fez que o apóstolo a redirecionasse para a espiritualidade correta, isto é, para atitudes espirituais que expressassem que o dinheiro não é uma questão meramente secular, desconectado da vida espiritual, dos cultos espirituais, que os recursos materiais são bênçãos de Deus, são graças adquiridas com trabalho persistente e honesto – marcas de caráter transformado –; por isso, seu uso correto e seu destino adequado revelam o nível espiritual, a maturidade espiritual de cada servo de Deus. Neste sentido, Paulo deixou claro que a coleta do dinheiro era *para os santos* (v.1a). Quais? Os santos da igreja de Jerusalém (I Co 16:3; cf. Gl 2:1-10; Rm 15:26). A igreja de Corinto precisava entender que a salvação espalhado tivera origem na igreja de Jerusalém; fora de lá que partira o evangelho de Cristo, *que é o poder de Deus para a salvação de todo aquele que crê* (Rm 1:16-17). Era justo, portanto, que as novas igrejas ajudassem a “igreja-mãe” nas suas dificuldades materiais, não como pagamento pela graça compartilhada, mas como demonstração de afeto, de gratidão, de prova de amor. Os novos salvos, nas palavras de Paulo, deveriam sentir-se *devedores; porque, se os gentios têm sido participantes dos valores espirituais dos judeus, devem também servi-los com bens materiais* (Rm 15:27).

O apóstolo revelou seu empenho pessoal em ajudar os irmãos pobres de Jerusalém, dizendo: *... procurei fazer com diligência* (Gl 2:10b). Disse ainda: *...3 estou de partida para Jerusalém, a serviço dos santos* (Rm 15:25). Além de auxiliar a igreja nas suas precariedades materiais, Paulo sabia que aquela era uma ótima oportunidade para as “igrejas cristãs gentílicas” demonstrarem seu amor para com a “igreja cristã judaica”, e, assim, diminuir as distâncias relacionais, estreitar a comunhão, desfazer as desconfianças, enfim, era a chance de os judeus compreenderem corretamente o ministério do próprio Paulo entre os gentios (cf. At 9:26-30, 15:1-35; Gl 2:1-10).

1 BOOR, Werner de. *Cartas aos Coríntios, comentário esperança*. Curitiba: Editora Evangélica Esperança, 2004, p. 330

Com estas expectativas, Paulo orientou a igreja sobre quando a oferta deveria ser levantada: *No primeiro dia da semana, cada um de vós ponha de parte, em casa, conforme a sua prosperidade, e vá juntando, para que se não façam coletas quando eu for* (16:2). A fome era grande e prolongada; por isso, não havia espaço para uma única oferta; além do mais, a maioria dos irmãos de Corinto não parecia ser forte financeiramente (I Co 1:26-28).

Nestes termos, a cada domingo, em casa, deveriam separar sistematicamente o dinheiro, de forma que, quando Paulo chegasse a eles, não houvesse necessidade de usar o culto ou qualquer outra reunião de adoração a Deus para fazer “campanha financeira” pelos necessitados. Conquanto este tipo de oferta se constituísse um ato de adoração, não poderia ser feito publicamente, na pressão dos olhares (II Co 9:5); deveria, sim, ser praticada no anonimato, no lar, no particular, sem arroubos públicos de bondade, como ensinou Jesus (*cf.* Mt 6:3). Em que medida? Conforme a sua prosperidade: *Os discípulos, cada um conforme as suas posses, resolveram enviar socorro aos irmãos que moravam na Judéia* (At 11:29), *segundo a sinceridade do vosso amor* (II Co 8:8).

Quem levaria o dinheiro aos irmãos de Jerusalém?

Depois que chegar, eu enviarei, com cartas de apresentação, aqueles que vocês escolherem para levarem a oferta até Jerusalém. Se for conveniente que eu também vá, eles farão a viagem comigo. (16:3-4 – NTLH)

Por princípio ético, Paulo não desejou sequer tocar no dinheiro; o apóstolo tinha escrúpulo e não queria dar margem a acusações injustas de malversação financeira (*cf.* II Co 8:18-21); ele preferiu que irmãos de confiança, escolhidos pela igreja, com carta de recomendação, conduzissem a oferta de amor.

Como a agenda de viagem do apóstolo ainda estava indefinida (16:5-9), ele só iria a Jerusalém se fosse extremamente necessário, isto é, se a soma das ofertas fosse extremamente elevada. Mas, na verdade, podemos dizer que Paulo agiu com nobreza ao priorizar a ida de outros irmãos a Jerusalém. Talvez ele tenha desejado que os irmãos da Judéia sentissem algo muito mais importante do que a satisfação pelas ofertas; talvez tenha desejado que se alegrassem sobremaneira ao conhecerem as novas pessoas que haviam sido salvas pelo poderoso evangelho de Cristo. Se pensou assim, viu a alegria daqueles irmãos com seus próprios olhos, pois a oferta foi grande e o apóstolo foi a Jerusalém, acompanhado por alguns irmãos de Corinto (At 24:17; *cf.* Rm 15:25).

1. Com base em At 11:27-30, responda: Que aviso deu o Espírito Santo a respeito da grave tragédia social que se abateria sobre o mundo, no início da igreja cristã, e que atitude tiveram os discípulos para diminuir o sofrimento dos pobres da Judéia?

2. Com base em I Co 16:1, responda: Para amenizar o sofrimento dos judeus pobres, que providências pediu Paulo à igreja de Corinto?

3. Com base em I Co 16:2-4; Rm 15:25 e no comentário, responda: Como e quando a coleta deveria ser feita? Quem as levaria aos necessitados?

4. Com base em Rm 15:27 e no comentário, explique o sentido teológico correto da expressão: *... se os gentios têm sido participantes dos valores espirituais dos judeus, devem também servi-los com bens materiais.*

II - LIÇÕES PARA A IGREJA DE HOJE

1. A assistência social cristã deve ser praticada discretamente.

1 BOOR, Werner de. *Cartas aos Coríntios, comentário esperança*. Curitiba: Editora Evangélica Esperança, 2004, p. 330

O primeiro princípio bíblico utilizado por Paulo para orientar a igreja sobre como fazer as contribuições sociais tinha a marca da discrição: os irmãos deveriam juntar as ofertas no lar, em casa. No grego, casa é **eautou** (heautou), que, em I Co 16:2, tem o sentido de “a si mesmo” ou “a si próprio”, ou seja, os irmãos deveriam juntar as ofertas como se fossem concedê-las para alguém de dentro de sua própria casa, e, por esta razão, a publicidade seria desnecessária. Este princípio está plenamente afinado com o ensinamento de Jesus Cristo, que diz: *Tu, porém, ao dares a esmola, ignore a tua mão esquerda o que faz a tua mão direita; para que a tua esmola fique em secreto; e teu Pai, que vê em secreto, te recompensará* (Mt 6:3-4).

Vivemos num tempo de estardalhaços, de exposições na mídia, de mostrar a intimidade para todos, de abrir a casa e a vida para revistas e programas de fofocas; é tempo de *Big Brother*, de celebridades, de visibilidade. A filosofia do nosso tempo diz que “imagem é tudo” e que “o que é bonito deve ser mostrado”.

Esse modelo mundano afeta a igreja, a partir do momento em que os cristãos já não se satisfazem em contribuir, colaborar, ajudar, ofertar, secretamente, anonimamente, discretamente.

Amado irmão e irmã, paute sua vida cristã pela discrição. Em caso de ofertas sociais, mais ainda: junte-as em sua casa e entregue-as às autoridades competentes da igreja, de maneira que ninguém veja. Contudo, alegre-se: ... *teu Pai, que vê em secreto, te recompensará*.

5. Com base na primeira aplicação, explique por que a assistência social cristã deve ser praticada discretamente.

2. A assistência social cristã deve ser praticada voluntariamente.

O segundo princípio bíblico usado por Paulo para educar a igreja na prática da assistência social cristã caracteriza-se pela voluntariedade: ... *cada um de vocês separe e guarde algum dinheiro, de acordo com o que cada um ganhou* (16:2 – NTLH). Em sua segunda carta, Paulo garantiu: ... *todos ficarão sabendo que vocês deram ofertas porque quiseram e não porque foram obrigados* (II Co 9:5 – NTLH).

Em momento algum o apóstolo pressionou os irmãos, estipulou quantidade, sugeriu valores. Ele não constrangeu os menos favorecidos diante dos mais favorecidos economicamente: “Primeiro o pessoal que pode dar R\$ 5.000,00, depois os de R\$ 3.000,00, depois R\$ 1.000,00, R\$ 500,00, R\$ 100,00, R\$ 50,00”.

Não, o apóstolo era cristão convertido, sério, íntegro, santo. Em vez de coação, deu orientação, educação, motivação e, acima de tudo, mostrou transparência quanto ao objetivo e à seriedade na aplicação dos recursos. Desta forma, aguardava pela voluntariedade, pela liberalidade, pela proposta individual, pela atitude do coração de cada irmão.

Como é bonito quando a liderança expõe à igreja as necessidades sociais, de forma clara, transparente, convincente. Desta maneira, dificilmente os irmãos se negarão a contribuir. Se a igreja não estiver envolvida com graves problemas morais e espirituais, naturalmente se mostrará sensível às demandas materiais dos mais necessitados. Se há líderes confiáveis para essas tarefas, mais ainda se verão as ofertas voluntárias. Caro estudante, não abra mão do princípio da voluntariedade, ao praticar a assistência social: não coaja, nem se deixe coagir. Colabore sempre,

constantemente, com liberalidade (Rm 12:8), com generosidade (II Co 9:13 - NTLH), *de acordo com o que (...) ganhou* (I Co 16:2).

6. Com base na segunda aplicação, explique por que a assistência social cristã deve ser praticada voluntariamente.

3. A assistência social cristã deve ser praticada internamente.

O terceiro princípio bíblico que Paulo trabalhou refere-se à prática da assistência social prioritariamente aos irmãos da igreja, aos salvos, aos de dentro da comunidade de Cristo, aos domésticos da fé; a oferta de Corinto era para *os santos* da igreja de Jerusalém. Em toda a Bíblia Sagrada, o ensino é este: O povo de Deus tem responsabilidades sociais com os de dentro (*cf.* Is 58:5-11; At 2:45, 4:34-35, 6:1-3, 11:27-30; Rm 12:13, 15:26; I Co 16: 1-4; Gl 2:10, 6:11; II Co 8:4, 9:1-2; Ef 4:28; I Tm 6:18; Tt 3:14; Tg 2:15-16; I Jo 3:17-18). Isso significa que não se possa prestar assistência social aos de fora? Claro que não! É saudável que se faça. Na individualidade, mais ainda. Mas essa conduta jamais deve ser a prioridade da igreja de Cristo. Os recursos sociais dos membros devem ser utilizados internamente: as igrejas da Galácia e a igreja de Corinto contribuía não para as necessidades dos de fora, mas dos de dentro. O dinheiro não se originava dos de fora para os de dentro nem dos de dentro para os de fora, mas dos de dentro para os de dentro da igreja. Em outras palavras, as igrejas cristãs não eram ricas, mas nem por isso, se associavam aos poderes externos para mostrar amor, força, nome, solidariedade, boa imagem na sociedade. Os de fora devem ser cuidados pelas instituições de fora e os de dentro pela igreja do Senhor.

Caro estudante, a função primária da igreja para com o mundo não é social; é espiritual; e ninguém deveria ter dúvida a respeito disso. Por isso, atenção: a idéia de que a igreja deve dar ênfase social à suas ações evangelísticas é pervertida. O chamado “evangelho social” não é o evangelho de Cristo; é uma criação da Teologia da Libertação; é ensino de homens. O evangelho não é comida; é salvação! *Porque o reino de Deus não é comida nem bebida, mas justiça, e paz, e alegria no Espírito Santo.* (Rm 14:17). Depois de salvas, na igreja de Cristo, as pessoas têm suas vidas mudadas integralmente pelo poder de Deus, que atua no corpo de Cristo e faz que seus membros ajudem uns aos outros, em todas as suas necessidades. Nesse sentido, os auxílios sociais internos aos de fora devem ser exceções; a prioridade são os irmãos.

7. Com base na segunda aplicação, explique por que a assistência social cristã deve ser praticada internamente.

CONCLUSÃO: Muitas vezes, surpreendemo-nos com a palavra de Deus, especialmente quando ela nos confronta com nossas paixões pessoais. A assistência social é uma conduta cristã que, por si mesma, é apaixonante. Como não nos envolvermos emocionalmente com pessoas que são alvos do nosso afeto, do nosso auxílio, da nossa atenção? Contudo, se somos cristãos autênticos, temos de pautar todas as nossas atitudes nos princípios do evangelho de Cristo.

Nesse sentido, se a nossa prática de assistência social, seja individual ou coletiva, precisa de ajuste, aproveitemos esta oportunidade para corrigi-la, com humildade e

1 BOOR, Werner de. *Cartas aos Coríntios, comentário esperança*. Curitiba: Editora Evangélica Esperança, 2004, p. 330

submissão à Bíblia. Se assim agirmos, sempre priorizando os domésticos da fé, Deus se agradará de cada um de nós e, num futuro próximo, ouviremos dele:

*Vinde, benditos de meu Pai! Entrai na posse do reino que vos está preparado desde a fundação do mundo. Porque tive fome, e me destes de comer; tive sede, e me destes de beber; era forasteiro, e me hospedastes; estava nu, e me vestistes; enfermo, e me visitastes; preso, e fostes ver-me. Então, perguntarão os justos: Senhor, quando foi que te vimos com fome e te demos de comer? Ou com sede e te demos de beber? E quando te vimos forasteiro e te hospedamos? Ou nu e te vestimos? E quando te vimos enfermo ou preso e te fomos visitar? O Rei, respondendo, lhes dirá: Em verdade vos afirmo que, **sempre que o fizestes a um destes meus pequeninos irmãos, a mim o fizestes.** (Mt 25:34-40 – Grifo nosso)*

Fonte: Revista para estudos nas escolas bíblicas nº 279 – JAN/MA